

Seção A - Sobre Filosofia da Arte

I - Tópicos para uma Poética da Alteridade

Ivo Assad Ibri

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

IBRI, I.A. Tópicos para uma Poética da Alteridade. In: *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas*: vol. I [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica; FiloCzar, 2020, pp. 31-37. ISBN: 978-65-8654-693-4. Available from:
<http://books.scielo.org/id/n2ckr/pdf/ibri-9786586546934-05.pdf>.
<https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-93-4>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Seção A
Sobre Filosofia da Arte

I - Tópicos para uma Poética da Alteridade¹⁰

*O Universo não é uma ideia minha.
A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha,
A noite não anoitece pelos meus olhos,
A minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos.*
Fernando Pessoa (Poemas Inconjuntos)

*O real é aquilo que não é o que eventualmente
dele pensamos, mas que permanece não afetado
pelo que dele possamos pensar.*

Charles S. Peirce (CP 8.12)

Tal como uma espécie de divindade que, como o matemático, constrói mundos possíveis, o artista por vezes percebe na alteridade do mundo uma possível poética. Em sua interioridade, universo onde o livre jogo da imaginação arquiteta realidades alternativas exercitando a lúdica tarefa da invenção, ele se deixa, por momentos, tomar pelo encanto poético do não.

Talvez o artista, entediado, evidencie seu cansaço daquele objeto que ele próprio constrói. Servil, o *objeto* da arte se presta sempre a nascer por um ato de vontade de seu criador, crescer com a forma e a diversidade que lhe confere o imaginário, suprir suas veias com a mesma seiva de atemporalidade que nutre a *aura* da obra. Talvez o objeto, também enfadado de ser mera

¹⁰ Este capítulo baseia-se em artigo publicado de minha autoria: Tópicos para uma Poética da Alteridade. Ordem e Vertigem, *Anais do Centro Cultural do Banco do Brasil*, São Paulo, v. 02, p. 07-12 (2003).

referência no interior da obra de arte que sempre se autorrepresenta, manifeste seu cansaço e, num diálogo sem palavras, sugira a seu criador que perceba a poesia naquilo que *não depende do que dele pensamos, mas que permanece não afetado pelo que dele possamos pensar*. Para tanto, já não bastará mais um olhar que apenas contempla o mundo para, uma vez mais, divertir-se em subvertê-lo, promovendo um sempre conspirador *deslocamento semântico* da metáfora que contradita todo *non sequitur*, levando desconforto àqueles espíritos estritamente dentro das regras aceitas da espaçotemporalidade.

Qual divindade entediada de sua onipotência, o poeta descobre encanto em sua impotência em anoitecer a noite. A noite diz *não* e o desafia a encontrar uma poesia possível, escrita em uma espécie de face oculta da alteridade.

Dotado pelos deuses do poder mágico de sempre dizer de modo oblíquo *toda* a verdade, o poeta depara-se agora com o efetivamente verdadeiro. Não mais poderá dizer que o Universo é ideia sua, não mais poderá trair a noite: num fechar de olhos suprimir-lhe a existência. Algo *exterior* desafiadoramente *permanece*. Algo objetiva. Algo é *Objeto*.

É, fundamentalmente, a este *ser real* que Charles S. Peirce (1839-1914) se refere em sua famosa tríade semiótica: signo, *objeto*, interpretante - a esta exterioridade sempre desafiadora que denominamos Mundo, Natureza, sedutoramente convidativa à decifração pela ciência, produção infinita de arte no dizer de Schelling. Aquilo que é geneticamente admirável, que se apresentou para o olhar de Platão no *Teeteto*, que despertou nostalgia em Schiller em *Os Deuses da Grécia*, que sugeriu a Einstein cavalgar um raio de luz para vê-lo de modo diferente. Um universo apresentado pelos astrônomos em uma escala que nos convida a abandonar, de um viés, uma noção de espaço dada pelo nosso urbano olhar por uma geométrica janela de alumínio e, de outro, uma dimensão de tempo contida no intervalo humano entre a vida e a morte.

Uma *imediata* admirabilidade suprime à consciência o tempo, e a insere novamente desperta para a temporalidade da observação intencionalmente cognitiva. Não por outra razão, *conhecer* como um transcender da mera aparência, como busca

de um *modo de ser*, necessita da *permanência* e daquela *independência do objeto* que fará com que este *negue* representações falsas, ou seja, aquelas que *predizem* um curso dos fatos distinto de um *observável* curso dos fatos. Sob este prisma, todo juízo de verossimilhança possível entre signo e objeto é, assim, condicionado a um *futuro*. Este nosso saber positivo, mediador, refere-se, por conseguinte, sempre àquilo que ainda existencialmente *não é*, a um vir a ser, a uma *experiência possível*, conceito de Kant plenamente acolhido na epistemologia de Peirce.

Antes de tudo, é a esta *alteridade* de um objeto indiferente à representação que Peirce se refere, ao reconhecer “que uma coisa é ser; outra, ser representado”¹¹.

Na definição de signo do autor, para além desta ideia fulcral de alteridade do objeto, encontram-se, também, os conceitos de *determinabilidade* do signo e do interpretante:

Eu defino um signo como qualquer coisa que é *determinada* por alguma outra coisa, denominada seu *Objeto* e, deste modo, determina um efeito sobre uma pessoa, efeito este que denomino seu *Interpretante*, tal que este último é, assim, *mediatamente determinado* pelo Objeto.¹²

Caracterizou-se o *Objeto* como, essencialmente, algo do qual nossa interioridade não pode *arbitrariamente* se apropriar, um absoluto *segundo*, cujo *ser* se caracteriza, justamente, pelo fato de permanecer inafetado pelo nosso modo de pensá-lo. Nesta passagem da obra do autor, percebe-se que este mesmo Objeto, tal como se explicita, determina o signo de modo imediato e, mediadamente, seu *interpretante*. O interpretante pode aqui ser entendido, simplificadamente, como um signo que *significa* num processo contínuo, vale dizer, cujo *significado* irá propriamente se desenhando também *in futuro*.

Caberia, então, perguntar: como se dá esta *determinação* geral imediata e mediata e, por certo, antes, o que se entende por *objeto determinando o signo*?

¹¹ CP 5.6; N. c86.

¹² PW, p. 80-81, grifos meus.

Retornemos ao nosso poeta e lembremos que, por mais que ele feche os olhos, *permanece* a noite sendo noite e, a menos que nada de encantador se veja nisto, o poeta poderá ser conduzido a pensar que a noite, como tal, *determina* na sua mente o signo *verdadeiro* de que ela é simplesmente noite, abandonando o *falso* signo que é supor que ela poderia se submeter à sua vontade.

O homem de ciência, com certeza mais familiarizado com a alteridade do mundo, busca seus interpretantes como *mediações genuínas* diante do desafio do Objeto. Não seria o artista de gênio, de sua vez, aquele propenso a encontrar uma espécie de *poética mediadora* diante da alteridade, ao descobrir no que simplesmente é suas possibilidades futuras de *ser*? Transcenderia ele, assim, com uma espécie de extravasante poética, a experiência estética de mera fruição na pura presentidade, conferindo-lhe um sentido mais profundo? Esta questão decerto requer para o *encanto*, em sua natureza possivelmente germinal em que um interpretante genuíno se insere no tempo, uma teoria *encantadora*.

Assim como Schelling alertava seus leitores da necessidade de uma sensibilidade estética para compreender seus escritos, convidando aqueles que dela não dispunham a abandonar a leitura, muitos poderão nada ver na alteridade senão o inferno da contrariedade, a limitação da liberdade pela presença do não eu. Diante deste modo de vê-la, restaria, tão somente, a solidão do eu absoluto e vazio de mundo? Restaria, alternativamente, o pessimismo filosófico, ou a angústia do silêncio?

Malgrado este ponto de vista, a história mostra que o gênio criador, dotado de uma espécie de mágica sonda poética, *extrai o belo do profundo da dor*. Recorde-se a torturante beleza do concerto n° 1 para piano de Brahms, ou do Réquiem de Mozart. Recordem-se, de Rilke, as Elegias de Duíno. Neste, explícito, naqueles, oculto, um desesperado grito diante da egoidade autossuficiente da beleza que basta a si mesma, desdenhando daquele que a ama, trespassa a alma qual sentimento de morte. Este belo absolutamente *primeiro, genético*, apaixonava, mas se nega ao diálogo. Nada *determina* por ser apenas aparência. Nada oculta por carecer de interioridade, senão apenas

a explícita vacuidade de seu jogo. Cruel, desperta e frustra o insano desejo de *posse*. Apenas surdo anjo terrível: somente o Tempo esgarçará sua impossível pretensão de eternidade.

Entretanto, o Objeto que se determina como representação se oferece *amorosamente* à cognição, dialoga por ter conduta, permite significação como possibilidade *in futuro*, desafia a *criação do possível* a ser *descoberta real*. Há no *conhecer*, este desafio inserido na temporalidade, o encanto da revelação do objeto, transbordante de oculta poesia.

Avesso à estrita causalidade, este Universo-Objeto anuncia-se assimétrico, pleno de variedade, exibindo sua liberdade desviante da lei. Avesso ao caos, permite a *possibilidade* do pensamento e, neste, traça sua cósmica gramática.

Algo mais, ainda, se anuncia na definição de signo de Peirce. A *determinação* do Objeto transcende seu mero *objetar*. Como poderia o *mundo material* determinar sua *forma* no espírito? A que diálogo enfim se está referindo, se o objeto é, possivelmente, de natureza radicalmente estranha à idealidade?

A história da filosofia mostra para este problema a solução de recolher-se à interioridade das ideias, negando a matéria como algo com sentido possível, como exemplarmente o faz Berkeley. Para ele, como só o tecido de idealidade tem algum significado possível, à divindade deve ser entregue a causa de nosso pensamento.

Certamente, diante da experiência frustrada de extirpar a noite com nosso sono, mas diante também da possibilidade de trazer com o signo este revelado para a interioridade do pensamento, parece mais plausível a hipótese de uma conaturalidade entre objeto e signo, admitindo-os substancialmente idealidade. Idealidade que permeia o saber da ciência, entretecida na inteligência das leis da Natureza. Idealidade passível de descoberta em silêncio pelo poeta que em algum momento poderia se perguntar: como a matéria morta desperta sentimentos vivos? Sendo, talvez, conduzido a perceber naquela morte um predicado contraditório.

O Objeto, mais que virtualmente capaz de negar o arbítrio do signo falso, potencialmente *determina sua conduta*

geral na representação e essa generalidade é correlata à generalidade do pensamento e, por consequência, à linguagem.

Esta é uma enviesada e despreziosa apresentação do *realismo* de Peirce. Não um realismo que admite, tão somente, a *existência das coisas externas* à nossa interioridade, mas, sim, aquele que reconhece a *realidade* de um tecido de generalidade, conatural, em sua idealidade, ao nosso pensamento. Uma contínua estrutura de ordem constituindo-se evolutivamente desde um primevo caos. É esta ordem, e apenas ela, que permite que façamos *previsões* sobre a conduta futura do mundo. Com frequência errôneas, falíveis, mas evolucionariamente passíveis de crescimento. Interpretantes sem pretensão de certeza absoluta, esta *sonolenta e inócua* busca de tantas filosofias.

Constituindo um *terceiro* modo de ser do Universo, tal ordem é que torna cósmico o que, de imediato, como *segundo*, apenas se opõe, conferindo interioridade inteligível àquele *primeiro* belo e virtualmente cruel *aparecer*.

De sua interioridade este Objeto se faz exterior, tornando sua *cognoscibilidade* a sua própria *essência de ser*; ocultar-se como *coisa em si mesma* seria vedar-se à existência e eximir-se de evoluir. As categorias peircianas afetivamente se entrelaçam com seu Pragmatismo. As *consequências práticas*, em sua máxima, são exigência para uma significação possível: exibir da *interioridade* do conceito o que se mostra à *observação*, *exteriorizar-se*, como mundo, para penetrar, novamente, a interioridade como *signo*, único caminho de crescimento evolutivo.

Cruel é, então, aquilo que aparece e apaixona sem interioridade cognoscível. Não à toa, Peirce não se satisfaz com o belo que simplesmente aparece e nada mais tem a dizer, excluído exigir, daquele tomado pelo êxtase de sua experiência, contemplação e silêncio.

O diálogo amoroso de conhecer, contudo, busca um belo que se estratifica no mais profundo. O belo da conduta aberta ao signo, como signo; uma ordem dialogante e evolutiva que faz do Amor não apenas palavra, mas *Ágape*, força cosmicamente eficiente para o crescimento não tão somente da Razão, mas da Razoabilidade¹³.

¹³ CP 1.613-615.

Recorde-se Shakespeare. A interioridade aberta dos amantes transgride o que era mera aparência – há um belo mais profundo indiferente à temporalidade – desta apenas se valeu para atingir a verdadeira mediação amorosa:

And all in war with Time for love of you,
As he takes from you, I engraft you new.¹⁴

O Universo se diverte, também, como poeta. Jamais se permitiu pintar o céu do mesmo modo ao fim de cada tarde. Em nenhum instante privou-se de se desviar de suas próprias leis, exercendo sua liberdade criadora de diversidade.

Criativo, ele prossegue a cada dia esta tarefa, ironizando a palavra *crepúsculo* e desfazendo, por séculos, os relógios com os quais o representávamos.

Permite, também, amoroso e paciente, que suponhamos organizá-lo com nosso pensamento e com nossa linguagem. Hedionda e despercebida humana confusão entre *critério de relevância* e *ordem real*. Saber o que perguntar é, apenas, garantir sentido *para nós*. Nossa humana linguagem *não* dá forma ao mundo; ao contrário, extrai dele sua condição de possibilidade como mediação.

Paciente e amoroso, ele sabe de nossos equívocos e *nos* adormece quando se faz noite. Em algum tempo futuro aguarda que reconheçamos não ser *nossa* nossa ideia de Universo.

¹⁴ Sonnet XV. Na tradução de Ivo Barroso (Shakespeare, *Comédias e Sonetos*. São Paulo: Abril, 1981):

*E crua guerra contra o Tempo enfrento
Pois tudo que te toma eu te acrescento*